

CADERNOS AZUIS

CONTOS E NOVELAS

SOMERSET MAUGHAM

A CARTA

NOVELA

LIVRARIA **LATINA** EDITORA

RUA DE SANTA CATARINA, 2 A 10 - PORTO

A. M. W. V. A.
of W. V. A.

1871

- A Natália
e seu beiró de
Hammul

Porto, 19/8/43

CADERNOS AZUIS

COLECCÃO DE CULTURA VIVA

DIRECÇÃO DE MANUEL DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — **O Cinema em Marcha**, ensaio — de Manuel de Azevedo (esgotado).
- 2 — **A Arte e a Vida**, conferência — de António Ramos de Almeida (esgotado).
- 3 — **Aurora e Crepúsculo de uma Idade**, ensaio — de Júlio Filipe (esgotado).
- 4 — **Nasceu um Maltez I**, contos — de Jorge Vitor.
- 5 e 6 — **Antero de Quental, infância e juventude** — de António Ramos de Almeida (2 vols.)
- 7 — **A Poesia da Moderníssima Geração**, ensaio — de João Pedro de Andrade.
- 8 — **A Carta**, novela — de Somerset Maugham.

A PUBLICAR

- 9 e 10 — **Antero de Quental, apogeu e morte** — de António Ramos de Almeida (2 vols.)
- 11 — **História breve de uma teoria — A Relatividade** — de Duarte Pires de Lima.

<p>ASSINATURAS: 2 números-7 escudos (PAGAMENTO ADIANTADO)</p>	<p>Dos números esgotados far-se-ão a seu tempo novas edições.</p>
---	--

Número avulso — 4\$00

Para assinar os «**CADERNOS AZUIS**» basta o envio de um postal
à **LIVRARIA LATINA EDITORA**, R. Santa Catarina, 2 a 10—Pôrto.

A CARTA

WILLIAM SOMERSET MAUGHAM

Nasceu em Paris no dia 25 de Janeiro de 1874. Seu pai desempenhava então o cargo de conselheiro jurídico da embaixada britânica na capital francesa.

Contava dez anos de idade quando ficou órfão, sendo confiado aos cuidados dum tio, vigário de Whistable, Kent. Nunca mais esqueceria a paisagem tão triste daquela região — evocada em alguns dos seus romances.

Fêz os seus estudos em Canterbury e depois em Heidelberg, na Alemanha. Coursou medicina em Londres, e o seu estágio no hospital de um dos bairros mais miseráveis da capital inglesa pô-lo em contacto com uma sub-humanidade que êle desconhecia. Sentiu de novo o desejo de escrever. E assim nasceu «Lisa of Lambeth», obra que provocou grande escândalo.

Maugham abandonou depois a medicina, e com o lucro das suas peças — chegou a ter quatro obras em cena, simultâneamente, na cidade de Londres — iniciou uma série de viagens.

Durante a guerra de 1914-18, na qual tomou parte como agente do Intelligence Department, contraiu uma grave enfermidade. Receando morrer, escreveu febrilmente o livro que há muito trazia na imaginação: uma vida romanceada do pintor Gauguin — «The Moon and Sixpence». Foi esta obra que o consagrou nos Estados Unidos.

Uma vez recuperada a saúde, percorreu todos os pontos do globo, especialmente o Extremo-Oriente, cujo exotismo descreve maravilhosamente em muitas das suas novelas, nas quais estuda também a mentalidade dos brancos obrigados a viver naquelas longínquas paragens. Entre essas novelas destaca-se «A Carta», de que damos hoje uma versão portuguesa.

De «A Carta» foram extraídas uma peça teatral e o argumento dum filme. As obras de Maugham estão traduzidas em todos os idiomas.

CADERNOS AZUIS
LITERATURA E ARTE

SOMERSET MAUGHAM

A CARTA

NOVELA

VERSÃO PORTUGUESA DE
ANTÓNIO BROCHADO



DE VERBO AD VERBUM

LIVRARIA LATINA EDITORA
RUA DE SANTA CATARINA, 2 A 10 - PÔRTO

Shi

BREVE EXPLICAÇÃO

No número 4 desta colecção já tivemos oportunidade de apontar a finalidade da sua publicação e de justificar a inclusão de volumes de contos e novelas, como complemento indispensável do panorama das actividades humanas indicativas do caminho evolutivo do nosso mundo.

Portanto, considerando as suas características, até de tamanho, os CADERNOS AZUIS, no que diz respeito à modalidade conto e novela, não podiam ter outra ambição que não fôsse antológica.

Nessa antologia de escritores contemporâneos ou de interesse actual, que a secção «Contos e Novelas» dos CADERNOS AZUIS ficará a constituir, procuraremos incluir os autores mais representativos da literatura mundial que interessa aos homens de hoje, com a largueza que as circunstâncias o permitam. Sempre que seja possível, nela figurarão autores portugueses.

É com esse espírito que publicamos neste volume «A Carta», de Somerset Maugham, em substituição de um conto de Korolenko que havíamos anunciado, mas que, entretanto, já apparecera editado em língua portuguesa.

MANUEL DE AZEVEDO

O sol dardejava sôbre o cais raios implacáveis. Automóveis, camiões e autobuses, carros particulares e de aluguer rolavam a tôda a velocidade sôbre a calçada atravancada. Todos os «klaxons» uivavam. Os «rickshaws» insinuavam-se através da multidão, e os cúlis, arquejantes, apenas encontravam o fôlego bastante para se apostrofarem. Vergados sob as suas pesadas cargas, êles trotavam de lado, gritando aos transeuntes para se afastarem. Atordoadamente, os vendilhões gabavam a sua pacotilha. Do tamil negro ao chinês amarelo, tôdas as raças se acotovelavam em Singapura: malaios, arménios, judeus e bengalis misturavam as suas vozes roucas.

No escritório de Riplet, Joyce & Naylor a frescura mantinha-se silenciosa. A penumbra e a calma contrastavam com o ruído e a trepidação da rua poeirenta. Joyce estava sentado à secretária sob o «duche» de ar gelado do ventilador eléctrico. Recostava-se, tendo os cotovelos apoiados nos braços do «fauteuil» e os dedos enclavinados. O seu olhar passeava sôbre os maços amarelecidos dos relatórios jurídicos acamados numa longa «étagere». Num armário alinhavam-se caixas japonesas em estanho nas quais se destacavam, em letras policromas, os nomes dos clientes.

Bateram à porta.

— Entre.

Um empregado chinês, muito correcto no seu fato branco, appareceu.

— Está ali o sr. Crosbie.

Falava um inglês impecável, articulando nitidamente cada palavra. Por vezes, a riqueza do seu vocabulário era para Joyce motivo de admiração. Cantonês de origem, Ong Chi Seng tinha feito a sua formatura em direito em Grays Inn. Cumpria um estágio de dois anos no escritório de Ripley, Joyce & Naylor antes de se estabelecer por sua conta. Trabalhador e zeloso, a sua correcção e amenidade não conheciam desfalecimento.

— Mande entrar — disse Joyce.

Levantou-se para apertar a mão ao visitante e convidá-lo a sentar-se. O recém-chegado encontrava-se em plena luz, enquanto que o rosto de Joyce ficou na sombra. Joyce era naturalmente silencioso, e durante quasi um minuto examinou Roberto Crosbie sem proferir uma palavra. Crosbie, um mocetão com mais de um metro e oitenta e de forte compleição, era plantador de borracha. As longas caminhadas através da sua exploração, a prática do «tennis» — sua distracção habitual após o trabalho diário — davam-lhe «allure» desportiva.

O sol queimara-o. Os pés estavam calçados com sapatos de biqueira quadrada; e as mãos, cabeludas, pareciam enormes. Joyce pôs-se a pensar que um sôco daqueles punhos esmagaria sem custo um débil tamil. Mas os seus olhos azues, de expressão cândida, nada tinham de duro.

A sua fisionomia honesta e vulgar transpirava rectidão e franqueza. Naquele momento, uma expressão de profunda angústia alterava-lhe os traços.

— Parece não ter dormido nestas últimas noites
— disse por fim Joyce.

— Com efeito.

Joyce reparou então no velho feltro de abas largas que Crosbie havia posto sôbre a mesa; depois os seus olhos subiram do curto calção «kaki», que lhe deixava a descoberto os joelhos, à camisa de «tennis» com o colarinho largamente aberto, sem gravata, e ao casaco poeirento, que tinha as mangas repuxadas. Tudo nêle traía a fadiga duma longa caminhada. A frente de Joyce ensombrou-se.

— Um pouco de coragem, meu velho. Não é a ocasião de perder a cabeça.

— Oh! sinto-me perfeitamente equilibrado.

— Viu hoje a sua mulher?

— Não! devo vê-la esta tarde. É um escândalo sem nome o terem-na prendido.

— Não podia fazer-se outra coisa, objectou placidamente Joyce.

— Pensava que a deixariam em liberdade sob fiança.

— O caso é grave.

— É uma vergonha. Ela agiu como no seu lugar teria agido outra qualquer mulher honesta. Sòmente nove vezes sôbre dez as mulheres não se atrevem... Leslie é a melhor pessoa do mundo. Não fazia mal a uma môsca. ¶ Enfim, meu caro, há já doze anos que somos casados! ¿ Julga que eu não a conheço? Santo Deus, se tivesse apanhado êsse miserável não lhe partia a cara, matava-o sem a menor hesitação. ¿ E você também, não é assim?

— Meu bom amigo, tem tôda a gente por si. Nin-

guém pensa em desculpar Hammond. Nós libertaremos a sr.^a Crosbie. Juiz e jurados entrarão no tribunal já conquistados por um veredicto de absolvição.

— Todo êste caso não é mais do que uma comédia — interrompeu violentamente Crosbie. — Em primeiro lugar ela nunca deveria ter sido presa, e além disso, depois do que esta pobre mulher sofreu, é demais infligir-lhe ainda por cima a humilhação dum tribunal! Tôdas as pessoas, homens e mulheres, que encontrei após a minha chegada a Singapura acham que Leslie estava no seu pleno direito. É inqualificável tê-la metido na prisão.

— A lei é a lei. E demais a mais ela confessou que tinha matado. É terrível, e lamento-os a ambos, de todo o meu coração.

— Eu não conto — interrompeu Crosbie.

— Mas o caso é que foi cometido um homicídio, e numa sociedade civilizada o tribunal é inevitável.

— É um crime esmagar a bicharia malfazeja? Ela matou-o como teria abatido um cão danado.

Joyce reclinou-se de novo no «fauteuil» e enclavinhou os dedos — unidos como a guarnição dum teto. Durante algum tempo manteve-se silencioso.

— Faltaria ao meu dever de advogado — disse êle por fim, numa voz calma e fixando o seu cliente — se não o prevenisse de que existe um ponto que me inquieta um pouco. Se a sua mulher não tivesse disparado mais do que uma vez sôbre Hammond o caso não apresentava dificuldade alguma. Infelizmente, ela fêz fogo seis vezes.

— A sua explicação é, todavia, simples. Qualquer teria feito o mesmo.

— Evidentemente. E, bem entendido, essa explica-

ção parece-me, a mim, muito plausível. Mas não serve de nada fechar os olhos. É sempre duma boa táctica pôr-se no lugar de outrem, e não nego que se estivesse encarregado da instrução era por aí que dirigia o meu inquérito.

— Meu caro amigo, isso não tem base.

O olhar de Joyce tornou-se frio, enquanto que a sombra dum sorriso lhe aflorava aos lábios. Êste bom Crosbie não era verdadeiramente demasiado perspicaz.

— Isso não tem provavelmente qualquer importância — recomeçou o advogado. — Quis simplesmente chamar para o facto a sua atenção. Agora não tem de esperar muito tempo. Quando estiver tudo acabado, aconselho-o a fazer uma pequena viagem com sua mulher e procurar esquecer. A absolvição tem a vantagem de não provocar uma sombra de dúvida, mas um caso dêste género não deixa pelo menos de ser sempre uma rude prova.

Pela primeira vez, um sorriso distendeu os traços de Crosbie. O seu rosto transformou-se.

— Terei mais necessidade do que Leslie. Ela suportou o golpe com uma coragem extraordinária. Pode dizer-se que é uma mulherzinha corajosa!

— Estou com efeito admirado com o seu predomínio sobre si própria. Nunca suporia nela tanta fôrça de resistência.

Como advogado de Crosbie, havia tido frequentes entrevistas com ela depois da sua prisão. A despeito dos favores que lhe concediam ela nem por isso deixava de estar presa, acusada de homicídio; e teria sido natural que se mostrasse nervosa. Mas não! Parecia suportar a prova com serenidade. Lia muito, aproveitava tôdas as

ocasiões para fazer exercício e, por favor especial, trabalhava em bordados, o que ocupava muito o seu tempo. Joyce admirava o constante cuidado que ela tinha na «toilette» — o cabelo bem ondulado, as unhas impeccáveis.

Ela guardava todo o sangue frio. Acontecia-lhe mesmo brincar com os aborrecimentos da sua crítica situação, dando a impressão de que só uma perfeita educação a impedia de sublinhar o lado cómico. Joyce não voltou mais.

Conhecia-a de longa data. Quando ela vinha a Singapura jantava geralmente em casa dos Joyce, tendo passado um ou dois «weck-ends» com êles, no seu «bungalow» da beira-mar. Pelo seu lado, a sr.^a Joyce fizera uma estadia de duas semanas na plantação e havia encontrado muitas vezes Geoffroy Hammond. Os dois casais viviam então em excelentes relações, senão num pé de intimidade, e foi por isso que Robert Crosbie correu a Singapura logo após a catástrofe para pedir a Joyce que tomasse conta da causa da sua infeliz mulher.

A versão que ela deu ao advogado logo na primeira entrevista manteve-a sem variar nos seus mais pequenos detalhes. Algumas horas após o drama ela expusera-lhe tudo com o mesmo sangue frio de hoje, dum só jacto, num tom perfeitamente objectivo. Apenas um fugitivo rubor à evocação de certos detalhes havia traído qualquer emoção. Mais graciosa do que bonita, a sr.^a Crosbie poderia ter trinta anos. Se bem que ela fôsse um pouco débil — os tendões das suas mãos salientavam-se sob a sua pele muito branca e finamente veuada de azul — notava-se a delicadeza dos seus atractivos. A sua carne

era mate, pálidos os lábios e indecisa a côr dos olhos. Os cabelos, abundantes e dum castanho claro, eram ligeiramente ondulados — um nada tê-los-ia tornado encantadores, mas coisa alguma fazia pensar que a senhora Crosbie recorresse a artificios. Uma certa timidez tirava-lhe o desembaraço e prejudicava o seu successo na sociedade. A vida solitária dos plantadores explicava aquêlde desacêrto; todavia, no seu meio habitual revelava-se muito simpática.

Quando após a estadia em casa dela a sr.^a Joyce voltou para junto do marido declarou-lhe que Leslie recebia da melhor maneira. Tinha, dizia ela, mais personalidade do que julgavam; quando se chegava a conhecê-la ficava-se surpreendido com a cultura que a sua conversação denotava. Era bem a última mulher que se poderia julgar capaz dum assassinato.

*

* *

Joyce despediu Roberto Crosbie com boas palavras e, ficando só, retomou a leitura do processo. Mas isso foi um gesto maquinal, pois eram-lhe familiares todos os detalhes. De Singapura a Penang, aquêlde caso apaixonou os clubes e os salões da península. Os factos que a sr.^a Crosbie contava eram simples. Naquela tarde, os negócios tinham levado o marido a Singapura. À noite ela estava só. Jantou tarde, às nove horas menos um quarto, instalando-se depois no salão para trabalhar nos

seus bordados. Esta dependência dá para a varanda. Não estava ninguém no «bungalow». Os «boys» dormiam num edifício separado e acabavam de se retirar. Com grande surpresa sua, sentiu a areia do jardim ranger sob um pé calçado — o pé dum branco. Contudo não havia passado nenhum automóvel. ; Quem poderia vir vê-la assim tão tarde? Alguém subiu a escada, atravessou a varanda e apareceu à porta do salão. No primeiro momento não reconheceu o visitante. Ela estava sentada próximo dum candeeiro com «abat-jour» e êle ficava na sombra.

— Posso entrar?

— Quem está aí?

Enquanto falava tirou os óculos que havia posto para bordar.

— Geoffroy Hammond.

— É você? Que posso oferecer-lhe?

Levantou-se e êle estendeu-lhe cordialmente a mão. Contudo, aquela chegada surpreendia-a. Ainda que Hammond fôsse seu vizinho, não estavam muito ligados com êle, e ela não o havia visto no decurso das últimas semanas. A sua plantação encontrava-se a perto de oito milhas; ela não compreendia aquela visita tardia.

— Roberto não está — disse ela. — Passa a noite em Singapura.

Pode ser que êle tivesse compreendido que se impunha uma explicação.

— Desculpe-me — disse êle — sentia-me tão só esta noite que tive a idéia de vir ver o que era feito de vocês.

— ; Como veio até aqui? Não ouvi o carro.

— Deixei-o na estrada. Podiam estar já a dormir.

Nada mais natural. O plantador levanta-se com o dia para chamar os trabalhadores e deita-se à noite mal sai da mesa. O automóvel de Hammond foi, aliás, encontrado no dia seguinte a trezentos metros do «bungalow».

Como Roberto estava ausente, não havia no salão «whisky» nem soda. Para não acordar o «boy», Leslie foi procurar as garrafas.

O seu hóspede serviu-se e encheu o cachimbo.

Geoffroy Hammond contava numerosos amigos na colónia. Tinha então perto de quarenta anos, mas havia chegado muito novo à Malásia. Quando se declarou a guerra foi um dos primeiros a alistarem-se. A sua conduta foi brilhante. Um ferimento num joelho fê-lo reformar-se ao fim de dois anos e voltar à Malásia com o D. S. O. e a Cruz de Guerra. Era um dos melhores jogadores de bilhar da colónia. Fôra um dançarino muito esmerado e um excelente jogador de «tennis». Mas se não podia dançar e se o joelho tolhido o impedia de ser uma boa raquete como dantes, aquêlê homem agradável de meigos olhos azues e de negros cabelos encaracolados sabia fazer-se acolher com prazer por tôda a gente. Os velhos senhores postos à margem não levavam a bem o ardor com que corria atrás das saias. No momento da catástrofe não deixaram de assegurar que sempre a tinham predito.

Hammond começou a falar com Leslie àcerca dos acontecimentos locais: as próximas corridas em Singapura, o preço da borracha e a sua esperança em matar um tigre que vagabundeava na vizinhança.

Apressada em acabar de bordar a almofada que ela contava fazer chegar a Inglaterra no dia do aniversário da mãe, Leslie tornou a pôr os óculos e aproximou do «fauteuil» a sua pequena mesa de costura.

— ¿Porque usa êsses óculos? — disse êle. — Não compreendo que uma linda mulher engenhe em desfigurar-se.

Aquela observação irritou Leslie. Nunca lhe falara naquele tom. Quis pôr as coisas no seu lugar:

— Meu caro, não presumo à beleza, e, se quere saber, confesso-lhe que tanto me faz que me ache feia ou não.

— Feia, você? Acho-a extremamente bonita.

— Muito amável — ripostou ela, irõnicamente. — Mas nesse caso você tem mau gosto.

Êle veio sentar-se perto dela.

— Contudo não negarei que tem as mais deliciosas mãos do mundo — disse êle.

E esboçou o gesto de pegar em uma delas. Leslie deu-lhe uma pequena sapatada.

— Não se faça tolo. Sente-se ali e não diga mais tolices, senão mando-o para casa.

Hammond não se mexeu mais.

— ¿Ignora então que estou loucamente apaixonado por si?

Ela ficou fria.

— Não sei nada, além de que não acredito numa palavra, e, mesmo que fôsse verdade, não lhe permitiria que o dissesse.

E tanto mais admirada estava porque conhecendo-se havia sete anos, Hammond nunca lhe testemunhara aten-

ção particular. No seu regresso da guerra tinham-se visto muitas vezes. Um dia êle adoeceu e Crosbie foi buscá-lo num automóvel e trouxe-o para casa. Êle passou quinze dias no «bungalow». Mas o antagonismo dos seus interesses impediu que aquela relação se tornasse uma amizade. Havia dois ou três anos que quasi não se viam. Às vezes êle vinha jogar o «tennis», ou encontravam-se em casa dos vizinhos, mas acontecia-lhe estar um mês sem o aperceber.

Como êle tomava um segundo «whisky», Leslie perguntou a si própria se não teria já bebido antes de vir.

Qualquer coisa na sua attitude a deixava pouco à vontade. Fitou-o com um ar descontente.

— Vamos! Bastante bebido por hoje, aconselhou ela. Êle esvaziou o copo.

— ; Pensa que lhe falo assim porque estou bêbedo? — replicou bruscamente.

— ; Não seria essa a melhor explicação?

— Muito bem! mas você não o está. Amei-a sempre, desde a primeira vez que a vi. Calei-me todo o tempo que pude, mas agora é mais forte do que eu. Amo-a, e digo-lho.

Leslie levantou-se e dobrou cuidadosamente o seu trabalho.

— Boa noite, disse ela.

— Não irei embora.

E ela começou então a impacientar-se.

— ; Mas que tolo; não comprehende que nunca amei senão o Roberto e que, mesmo se não o amasse, você seria o último em quem pensaria?

— ; Quero lá saber! Roberto está longe.

— Se não sai imediatamente chamo os «boys» e mando-o pôr lá fora.

— Experimente. Eles não ouvirão.

Agora, ela estava furiosa. Como se dirigia para a varanda, donde os «boys» poderiam ouvi-la, êle segurou-a por um braço.

— Deixe-me! — gritou ela enraivecida.

— Palavra de honra que não! Neste instante tenho-a aqui.

Leslie gritou por socorro, mas num gesto brusco êle tapou-lhe a bôca. Antes que ela tivesse tempo de dar acôrdo de si já êle a havia tomado nos braços e beijava-a com ardor. Ela lutava, afastando os lábios daquela bôca ávida.

— Não! Não! Não! — gritou ela — Deixe-me! Eu não quero!

Do que então se passou, não lhe ficou mais do que uma confusa recordação. Lembrava-se com uma precisão nítida de tudo quanto fôra dito até ali, mas presentemente as palavras de Hammond chegavam-lhe aos ouvidos através duma tempestade de violência e de terror. Êle esforçava-se por a enternecer com ruídosos protestos de amor e tornando cada vez mais apertado o seu frenético abraço. Ela sentia-se impotente entre os braços daquele homem vigoroso que paralizava a sua resistência. O hálito de Hammond queimava-lhe o rosto. Sufocava. Êle beijava-lhe a bôca, os olhos, as faces, os cabelos. Leslie tentou bater-lhe; o tórno que a esmagava tornou-se mais forte. O homem já não dizia palavra. Ela leu-lhe nos olhos loucos de desejo que a levaria para o leito. Aquilo já não era um ser civilizado, era um

bruto. E como êle fôsse de encontro a uma mesa que se encontrava no seu caminho, o joelho anquilosado fê-lo perder o equilíbrio e cair de pernas ao ar, sob o peso da mulher. Ela não se demorou a escapar-lhe e a refugiar-se atrás dum divã; mas, com a rapidez dum relâmpago, êle alcançou-a.

Havia um revólver sôbre a secretária. Não porque ela fôsse medrosa, mas na ausência de Roberto tencionava levar aquela arma para o quarto. Por isso o revólver se encontrava ao seu alcance. O terror enlouquecera-a. Ouviu uma detonação. Hammond cambaleou, soltando um grito: Disse qualquer coisa que ela não compreendeu e recuou, titubeando, em direcção à varanda. Fora de si, ela seguiu-o. (Sim, foi seguramente o que se passou, ela devia tê-lo seguido, embora não se lembre de nada). Ela seguiu-o, premindo automaticamente o gatilho, tiro após tiro, até que o tambor ficasse vazio. Hammond tombou no lajedo da varanda, num mar de sangue.

Quando, acordados pelas detonações, os «boys» acorreram, encontraram-na debruçada sôbre o cadáver de Hammond e conservando ainda na mão o revólver. Ficou ainda um momento estonteada, a olhá-los. Êles atropelaram-se à sua volta, assustados. Leslie deixou cair o revólver e, sem pronunciar uma palavra, voltou ao salão. Viram-na entrar no quarto, onde se fechou. Sem ousar tocar no cadáver, os «boys» examinaram-no com os olhos horrorizados e cochichando febrilmente. Finalmente, o primeiro «boy» readquiriu a calma. Aquêle chinês, que havia alguns anos se encontrava ao serviço dos Crosbie, era um rapaz desembaraçado. Roberto tinha partido para Singapura em motocicleta, e não restava na garagem

mais do que o automóvel. Disse ao *chauffeur* para o conduzir imediatamente a casa do comissário de polícia, afim de lhe contar o que acabara de ocorrer. Apanhou o revólver e meteu-o no bolso. O comissário, um tal Withers, vivia nos arredores da cidade vizinha, a uma distância de trinta e cinco milhas. Necessitavam de hora e meia para chegar lá. Tôda a gente dormia; tiveram de abanar os «boys» para os acordar. Withers apareceu daí a pouco e puseram-no ao corrente do sucedido. O primeiro «boy» mostrou-lhe o revólver, como corpo de delito. O comissário tornou a vestir-se, pediu o seu automóvel e seguiu-os.

Começava o dia a raiar quando atingiram o «bungalow» dos Crosbie. Withers precipitou-se para a varanda e estacou junto do cadáver de Hammond, estendido no lugar onde tombou. Tocou-lhe o rosto já frio.

— ¿ Onde está a senhora? — perguntou.

O «boy» designou o quarto e Withers bateu à porta. Não responderam. Bateu ainda.

— Sr.^a Crosbie! — chamou êle.

— Quem está aí?

— Withers.

Houve um novo silêncio. Finalmente a chave girou na fechadura e a porta abriu-se lentamente. Leslie estava diante dêle. Não se tinha deitado e envergava ainda o «tea-gown» com que havia jantado. Sem nada dizer, fitava o comissário.

— O seu primeiro «boy» procurou-me — disse êle. Hammond... Que fêz?

— Êle quis violar-me! Abati-o.

— Meu Deus! Venha para aqui e conte-me exactamente como as coisas se passaram.

— Agora não. Não posso. Dê-me tempo. Mande procurar meu marido.

Withers era novo. Não sabia bem quais eram os seus deveres naquela circunstância. Leslie recusou-se a falar até à chegada de Roberto. Ela fêz então aos dois homens a descrição a que não mais alteraria uma sílaba. O ponto que inquietava Joyce era o número de tiros disparados. Como advogado, deplorava que Leslie tivesse feito fogo, não uma, mas seis vezes; e o exame do corpo revelara que quatro balas haviam sido disparadas à queima-roupa. Podia-se mesmo supor que após a queda de Hammond ela se debruçara sobre êle para esvaziar o carregador. Ela confessava que a sua memória, tão precisa nos antecedentes, lhe falhava ali. Havia uma lacuna nas suas recordações. Era o indício dum furor arrebatado, mas um furor arrebatado seria a última coisa a esperar daquela mulher tão senhora de si. Joyce conhecia-a havia alguns anos. Julgara-a sempre muito calma. Durante as semanas que seguiram ao drama a sua atitude havia sido de estupefacção. Joyce encolheu os ombros. Reflectia sem dúvida que nunca se poderá ler aquilo que se prepara por detrás da frente da mais perfeita das mulheres.

Bateram à porta.

— Entre.

O estagiário chinês entrou e fechou a porta atrás de si. Fechou-a lentamente, mas com decisão, e aproximou-se.

— ¿ Posso pedir-lhe, sem o incomodar, alguns minutos de atenção?

A maneira solene como o estagiário se exprimia divertia sempre Joyce. E assim, foi a sorrir que lhe respondeu :

— Não há incómodo algum, Chi Seng.

— O assunto de que lhe quero falar é delicado e confidencial.

— Vamos.

Joyce notou o ar espertalhão do estagiário. Como era seu hábito, estava vestido à última moda de Singapura. Luzidias botas de verniz donde saíam peúgas de seda muito clara, gravata preta e um alfinete com uma pérola e rubis; no anelar esquerdo um anel com diamante. Uma caneta com bico de ouro emergia do seu imaculado casaco branco. O relógio de pulso também era de ouro, como as lunetas.

Ele tossiu.

— O assunto diz respeito ao caso Crosbie.

— Sim?

— Chegou, ao meu conhecimento um facto que parece dar-lhe um aspecto novo.

— Qual facto?

— Soube que existe uma carta da acusada à infelizmente vítima do drama.

— Não me surpreende. Não duvido que no decurso dos últimos sete anos a sr.^a Crosbie haja tido por vezes ocasião de escrever ao sr. Hammond.

Joyce, que tinha uma alta opinião da inteligência do praticante, esforçava-se em dissimular as suas impressões.

— É muito provável. A sr.^a Crosbie deve ter-se correspondido freqüentemente com o falecido para o con-

vidar a jantar, por exemplo, ou propor-lhe uma partida de «tennis». Foi essa a minha primeira idéia, mas esta carta foi escrita no próprio dia da morte do sr. Hammond.

Joyce não pestanejou, e conseguiu conservar o sorriso bonacheirão com que escutava geralmente Ong Chi Seng.

— ¿ Quem lhe disse isso?

— Êste detalhe chegou ao meu conhecimento por um amigo.

Joyce evitou insistir.

— Não esqueceu com certeza que a sr.^a Crosbie certificou que até à noite fatal não tivera, havia já algumas semanas, nenhuma relação com a vítima.

— Tem a carta?

— Não senhor.

— Quem a tem então?

— O meu amigo deu-me uma cópia. Quere lê-la?

— Certamente.

Ong Chi Seng tirou do bolso interior do casaco uma volumosa carteira cheia de papelada e de notas do Banco. Retirou uma meia fôlha de papel que colocou sob os olhos de Joyce.

Eis o que continha a carta :

«R. estará ausente esta noite. Tenho absoluta necessidade de te ver. Esperarei às 11 horas. Estou desesperada, e se não vens não respondo pelas conseqüências. Não venhas com o automóvel até casa. L.»

O bilhete estava escrito naquela caligrafia impessoal que ensinam aos chineses nas escolas estrangeiras; a banalidade dos caracteres contrastava estranhamente com a importância das palavras.

— ¿O que é que o faz supor que esta carta tenha sido escrita pela sr.^a Crosbie?

— Tenho tôda a confiança no meu informador, e a prova pode ser feita facilmente. A sr.^a Crosbie dir-lhe-á sem dúvida se sim ou não escreveu esta carta.

Depois do início da conversa, Joyce não havia cessado de observar o estagiário. Agora discernia nêle, não sem surpresa, uma ponta de ironia.

— Custa-me a admitir que esta carta proceda da sr.^a Crosbie.

— Se é a sua opinião o assunto está arrumado. O meu amigo contou-me esta história porque pertenceo ao seu escritório e porque pensava que o senhor podia ter qualquer interêsse em conhecer a existência desta carta antes dela ser entregue à justiça.

— Quem possui o original? — perguntou secamente Joyce.

Ong Chi Seng não demonstrou que tivesse notado qualquer transformação no tom de Joyce.

— De-certo não esqueceu que após a morte do sr. Hammond se descobriu que êle tinha relações íntimas com uma chinesa. Presentemente, a carta está nas mãos dessa mulher.

O barulho feito à volta daquela ligação havia contribuído para lançar o descrédito sôbre Hammond. Ninguém ignorava que uma chinesa tinha vivido em casa dêle durante meses. Ficaram silenciosos um momento.

Estava tudo dito e cada um adivinhava os pensamentos do outro.

— Agradeço-lhe, Ching Seng. Reflectirei.

— Muito bem. ¿ Não quiere que diga nada ao meu amigo ?

— Parece-me preferível que fique em contacto com êle, respondeu gravemente Joyce.

— Conte comigo, senhor.

O estagiário retirou-se discretamente, deixando Joyce entregue às suas reflexões.

Debruçado sôbre a cópia da carta de Leslie, contemplava aquella escrita nítida e vulgar. Agitavam-no suspeitas vagas, tão inverosímeis que teria querido afastá-las. A explicação daquella carta devia ser muito simples, e Leslie dar-lha-ia, sem dúvida ; mas na verdade impunha-se uma explicação. Levantou-se, meteu a carta na algibeira e pegou no chapéu. Passou diante de Ong Chi Seng. Absorto, o estagiário escrevia, curvado na sua secretária.

— Ausento-me por alguns minutos, Chi Seng — disse êle.

— O sr. Georges Reed tem entrevista ao meio-dia. Que lhe digo ?

— O que quiser, respondeu Joyce, com um sorriso constrangido.

— Mas percebia muito bem que Ong Chi Seng sabia que êle se dirigia à prisão.

*

* *

O processo devia ser julgado em Belanda, local do crime.

Entretanto a sr.^a Crosbie fôra encarcerada em Singapura; tinham-na poupado à prisão de Belanda, insalubre e suja.

Quando fizeram entrar Joyce no locutório, Leslie, sorridente, estendeu-lhe a mão fina e distinta. Como sempre, a maneira de vestir era simples e cuidada; os cabelos loiros estavam ondulados com arte.

— Não esperava vê-lo esta manhã — disse ela num tom jovial.

Acolhia-o com a naturalidade duma dona de casa. Pouco faltou para que Joyce a visse chamar o «boy» e pedir «cocktails».

— Como tem passado? — perguntou êle.

— Às mil maravilhas, obrigada (um clarão de alegria perpassou nos seus olhos). Como cura de repouso, é o ideal.

A guarda retirou-se, deixando-os sós.

— Então! sente-se, propôs Leslie.

Joyce pegou numa cadeira e perguntou a si próprio por onde deveria começar. Perante o ar inocente e cândido de Leslie, sentia-se embaraçado. ¿Como confessar-lhe o motivo da visita?

— Alegrei-me por ter visto esta tarde o Roberto com um desembaraço mundano. Pobre amigo! Os seus nervos

são submetidos a uma rude prova. | Que felicidade que tudo acabe de-pressa!

— Não faltam mais do que cinco dias.

— Eu sei. Cada manhã, ao acordar, digo para comigo: um a menos! (ela sorriu). Tal qual como antigamente na escola, ao aproximarem-se as férias.

— A propósito: estamos bem de acôrdo em que não teve relação de espécie alguma com Hammond antes daquela triste noite?

— Estou absolutamente certa. A última vez que o encontrei foi numa partida de «tennis» em casa dos Mac Farens, e não lhe disse quatro palavras. Êles têm dois «courts», sabe, e não nos encontrámos nos mesmos «sets».

— E não lhe escreveu?

— Oh! não.

— Tem a certeza?

— Absoluta. Nunca lhe escrevi senão para o convidar a jantar ou merendar; e isso já não acontecia há meses.

— Mas houve tempo em que eram íntimos. ¿Porque deixou de o ver?

A sr.^a Crosbie encolheu os seus frágeis ombros.

— Cansámo-nos das pessoas. Não tínhamos qualquer interêsse comum. É verdade que na ocasião da sua doença fizemos por êle o que pudemos, mas nestes dois últimos anos gosava de boa saúde e saía muito. Não lhe faltavam convites.

— E é tudo? Está bem certa?

— A sr.^a Crosbie hesitou.

— Oh! posso garantir-lhe. Soubemos que êle vivia

com uma chinesa, eu própria o verifiquei, e Roberto não queria recebê-lo mais.

Imóvel na sua cadeira, o queixo apoiado na mão, Joyce olhava fixamente Leslie. Enganava-se? Pareceu-lhe que um clarão homicida acabara de lhe atravessar as negras pupilas. Joyce não hesitou mais. Os escrúpulos desvaneceram-se. Agitou-se na cadeira. As pontas dos dedos aproximaram-se. Lentamente, com circunspecção, começou:

— Creio ser meu dever dizer-lhe que existe uma carta sua para Geoffroy Hammond.

Ele espiava com atenção. Ela não se mexeu, o rosto não mudou de côr. Mas ganhou tempo.

— Dantes acontecia enviar-lhe bilhetes sem importância, pedindo-lhe, por exemplo, para me trazer certas coisas de Singapura.

— Esta carta pede-lhe para ir vê-la precisamente porque Roberto estava em Singapura.

— É impossível. Nunca escrevi coisa semelhante.

— Será melhor ler.

Joyce tirou do bôlso uma fôlha de papel e estendeu-lha. Ela teve um sorriso de desprezo, e sem mesmo a ler, disse:

— Não é a minha letra.

— Eu sei; mas é a cópia exacta do original.

Agora, ela lia. Pouco a pouco a palidez tornou-se terrosa, os traços alteraram-se. Súbitamente, as suas carnes pareceram sucumbir e a pele colar-se-lhe aos ossos. Os lábios crisparam-se num rictus. Fitava Joyce com os olhos arregalados. A cabeça duma supliciada no cadafalso não teria sido mais trágica.

— ¿ Que significa isto? — balbuciou ela.

A bôca convulsionada não deixava passar mais do que um silvo.

— Você o dirá.

— Não escrevi isto. Juro que não escrevi.

— Tenha cuidado. Se o original é da sua mão seria inútil negar.

— Deve ser uma falsificação.

— Seria difícil estabelecê-lo e muito mais fácil provar o contrário.

Um arrepio agitou-a. Gôtas de suor molharam-lhe a testa. Tirou da saca um lenço e enxugou as mãos. Antes de restituir a carta a Joyce lançou-lhe um último olhar.

— Não está datada. Se escrevi isso e já não me recordo, êsse bilhete deve remontar a alguns anos. Conceda-me um instante, vou tentar lembrar-me.

— Reparei muito bem que não tinha data, mas se esta carta estivesse em poder do ministério público não deixariam de interrogar os «boys» e êles depressa diriam que uma carta fôra levada a Hammond no dia da sua morte.

A senhora Crosbie torceu as mãos e deixou-se cair na cadeira, como se fôsse desmaiar.

— Juro-lhe que não escrevi essa carta.

Joyce guardou silêncio. Desviou os olhos do pobre rosto angustiado e fitou o chão. Reflectia.

— Por conseguinte, não temos necesssidade de continuar esta entrevista — proseguiu êle, lentamente. — Se o detentor da carta julgar dever entregá-la à justiça, será prevenida.

Estas palavras davam a entender que nada mais

tinha a acrescentar; mas êle não fêz menção de se levantar. Esperava. O tempo pareceu-lhe infindo. Não olhava Leslie, que continuava sentada sem nada dizer.

Por fim, foi êle quem falou.

— Se não tem mais nada a confiar-me, volto para o escritório.

— ¿ Na sua opinião, qual seria o efeito que esta carta produziria em qualquer pessoa que a lêsse? — perguntou ela, por fim.

— Concluiria que a senhora mentiu.

— Quando?

— Manteve com persistência que não tivera qualquer relação com Hammond havia pelo menos três meses.

— Tudo isto me transtornou. Aquela terrível noite aparece-me como um pesadêlo. ¿ Que admira que me tivesse escapado um detalhe?

— É lamentável que conservando uma recordação tão precisa nas menores particularidades da sua entrevista com Hammond, lhe escape ao mesmo tempo o ponto capital: o seu desejo formalmente expresso da vinda dêle a sua casa.

— Não o tinha esquecido, mas, depois do que aconteceu, não queria contá-lo. ¿ Quem acreditaria na minha história se houvesse reconhecido que êle viera a meu pedido?

Bem sei que foi um êrro, mas perdi a cabeça; e depois de haver dito uma vez que não tivera qualquer relação com Hammond não podia retratar-me.

Leslie recobrou agora o sangue frio e opunha a sua candura ao sorriso céptico de Joyce. Tanta doçura desarmava.

Será obrigada a explicar porque escolheu o dia em que Roberto estava ausente para convidar Hammond.

Os olhos de Leslie fixaram-se no advogado. Até ali elle achara-os como os demais. Mas naquele instante, dilatados pelo mêdo, pareciam-lhe belos.

Com voz trémula, ella prosseguiu :

— Queria fazer uma surpresa a Roberto. O seu aniversário é no próximo mês. Desejava oferecer-lhe uma nova espingarda. Como sou ignorante em tudo quanto diz respeito ao desporto contava com Geoffroy para se encarregar do caso.

— Naturalmente os termos da carta não estão muito presentes na sua memória. ¿ Quererá relê-la ?

— Não, não quero — respondeu ella com vivacidade.

— ¿ Será assim que uma mulher escreve a uma pessoa das suas relações a quem quere consultar àcerca da compra duma espingarda ?

— Confesso, com effeito, que esta carta pode surpreender ; mas como sabe sou uma impulsiva e nem sempre peso as palavras. Reconheço que é estúpido (ella sorri). Além disso Geoffroy Hammond não era uma relação vulgar. Durante a sua doença tratei-o como uma mãe, e se lhe pedi para vir na ausência de meu marido foi porque êste não gostava de o encontrar.

Joyce levantou-se e pôs-se a passear. Meditava o que ia dizer. Apoiou-se depois no espaldar da cadeira. Por fim, e num tom profundamente grave, começou :

— Vou falar-lhe muito, muito seriamente. Êste caso parece-me simples. Um único ponto me inquieta : tal como eu julgava, não fêz fôgo menos de quatro vezes sobre Hammond quando elle já jazia em terra. Parecia

estranho que uma mulher delicada e frágil, geralmente tão senhora de si, tivesse sido acometida dum furor cego. Mas podia-se admitir, com a maior exactidão. A-pesar-da estima de que gosava Hammond eu preparava-me para argumentar que êle era dêsses homens capazes da violência de que o acusa. O facto de se ter sabido que vivia com uma chinesa colocava-nos num terreno favorável e tirava-lhe uma boa parte da simpatia pública. Teríamos explorado a reprovação que as relações dêsse género despertam sempre nas pessoas respeitáveis. Dizia eu esta manhã a seu marido que estava certo da absolvição, e não o dizia para o reanimar. Acreditava que o júri nem sequer recolheria para deliberar.

Os olhos de Leslie não largavam os olhos de Joyce. Dir-se-ia uma pequena ave fascinada por uma serpente. Joyce proseguiu no mesmo tom inexorável:

— Mas esta carta lança uma nova luz no caso. Sou o seu advogado. Representá-la-ei perante o tribunal. Sustentarei a versão que me propõe e organizarei consequentemente o meu sistema de defesa. Pode ser que acredite; pode ser também que duvide. O meu dever de advogado é de persuadir o tribunal de que o seu caso exclue todo o veredictum de culpabilidade. Quanto à minha opinião pessoal — ela não tem importância.

Com grande surpresa, julgou notar em Leslie uma expressão de ironia. Irritado, continuou mais secamente:

— Não negará mais que Hammond tenha vindo a seu convite; e, irei mais longe, ao seu ardente convite?

A sr.^a Crosbie hesitou. Pareceu reflectir.

— Podem provar que a carta lhe foi levada por um dos meus «boys».

— A credulidade tem limites. ¿Quantas suspeitas esta carta não irá fazer nascer? Não ousou dizer-lhe aquilo que eu mesmo pensei. Não lhe peço nada, excepto o que é necessário para lhe salvar a cabeça.

A sr.^a Crosbie soltou um grito agudo. Verde de terror, ela saltou.

— ¿Não vão portanto enforcar-me?

— Se se chegar a provar que não matou para se defender será obrigação dos jurados fornecerem um veredictum de culpabilidade. Tratar-se-ia então dum assassinato. E o tribunal só poderia pronunciar a sentença de morte.

— ¿Mas que podem provar?

— Não sei o que podem provar. A senhora, a senhora sabe. Eu não desejo sabê-lo. Mas se se despertam suspeitas, se se lançam nesta pista e interrogam os indígenas o que descobrirão?

De repente, ela tornou-se pequenina e caiu antes que êle pudesse segurá-la. Tinha desmaiado. Em vão procurou água à sua volta. Contudo, não chamou. Por todo o preço — nada de testemunhas. Estendeu-a no chão. Quando ela reabriu os olhos, a sua expressão desconsertou-o.

— Não deixará que me enforquem, implorava ela.

Soluços convulsivos agitaram-na. Em voz baixa, êle esforçou-se por a acalmar:

— Em nome do céu, volte a si.

— Espere um minuto.

À força de vontade, bem depressa ficou mais calma.

— Ajude-me a levantar.

Ajudou-a a erguer-se. Apoiada no seu braço, dirigiu-se para a cadeira, onde se deixou cair.

— Não me fale, disse-lhe ela.

— Seja!

Quando por fim ela se decidiu foi para dizer qualquer coisa de inesperado:

— | Em que apuros eu me meti!

Joyce não respondeu, e fêz-se de novo silêncio.

— ¿ É então impossível recuperar essa carta?

— Suponho que não me teriam falado se a pessoa que a detém não estivesse disposta a vendê-la.

— Quem é?

— A chinesa de Hammond.

As maçãs do rosto de Leslie inflamaram-se.

— Quere muito caro?

— Penso que ela dê perfeitamente conta do seu valor. | Que enorme soma não irá pedir!

— ¿ Vai deixar-me enforcar?

— | Imagina que seja assim simples entrar na posse dum elemento tão inesperado? É a mesma coisa que subornar uma testemunha. Não devia mesmo dar ouvidos a tal proposta.

— ¿ Então, que vai ser de mim?

— A justiça seguirá o seu curso.

Ela empalideceu. Um arrepio sacudiu-a.

— Entrego a minha sorte nas suas mãos. Bem sei que não tenho o direito de lhe pedir que cometa uma desonestidade.

Surpreendido por aquela voz comovida, que a habitual presença de espírito de Leslie tornava agora mais tocante, Joyce sentiu-se abalado. Ela fitava-o com olhos

humildes. Compreendeu que se recusasse o pedido dela aquêlê olhar o perseguiria tôda a vida. E todavia nada ressuscitaria o infeliz Hammond. ¿ Qual podia ser a explicação daquela carta? Não havia o direito de concluir que êle tinha sido morto sem provocação. À fôrça de viver no Oriente, Joyce havia perdido um pouco da sua rigidez profissional. Fixava obstinadamente o chão. Custava-lhe afazer-se à idéia duma intervenção que considerava indigna dêle. As palavras ficaram-lhe na garganta, e sentia-se furioso contra Leslie.

— Não conheço ao certo a situação da fortuna do seu marido.

Leslie estremeceu de esperança.

— Tem muitas acções das minas de estanho e interesses em duas ou três plantações de borracha. Suponho que êle poderá arranjar dinheiro.

— Mas será preciso dizer-lhe para quê.

Ela ficou um momento pensativa.

— Êle ama-me. Para me salvar será capaz de todos os sacrifícios. ¿ É indispensável mostrar-lhe a carta?

Joyce bamboleou o busto. Ela apressou-se a continuar:

— Roberto é um dos seus velhos amigos. Não lhe peça nada para mim. Suplico-lhe que poupe um homem honesto que sempre procedeu bem consigo.

Joyce não respondeu. Levantou-se para sair; e a sr.^a Crosbie, reconquistada a serenidade, estendeu-lhe a mão. A-pesar da emoção, ela soube dominar-se o bastante para se despedir dêle como mulher de sociedade.

— É muito amável da sua parte incomodar-se tanto

por minha causa. Não sei como exprimir-lhe o meu reconhecimento.

*

* *

Joyce voltou ao seu gabinete. Sentou-se em silêncio e reflectiu. Sentiu arrepios de frio. Por fim, a discreta pancada que êle esperava ouvir bater na porta. Ong Chi Seng entrou.

— Ia justamente sair para almoçar.

— Muito bem.

— Vinha perguntar-lhe se precisa de mim.

— Parece que não. ¿ Marcou nova entrevista com o sr. Reed?

— Sim. Virá às três horas.

— Está bem.

Ong Chi Seng dirigiu-se para a porta. Os dedos afilados já tinham agarrado o puxador quando se voltou de repente como que para acabar o seu pensamento:

— ¿ Não quiere que diga nada ao meu amigo?

— Qual amigo?

— Aquêlê da carta da sr.^a Crosbie ao falecido Hammond.

— Oh! já o tinha esquecido! Falei à sr.^a Crosbie. Ela nega ter escrito essa carta. Trata-se certamente duma falsificação.

Joyce tirou a cópia do bolso e estendeu-a a Ong Chi Seng, que fêz de conta não ter reparado naquele gesto.

— Nesse caso não vê sem dúvida inconveniente em que o meu amigo a entregue ao ministério público?

— Nenhum. Mas não compreendo muito bem o que ganhará o seu amigo.

— O meu amigo pensa que é um dever esclarecer a justiça.

— Eu seria a última pessoa a querer dissuadir alguém de fazer o seu dever, Chi Seng.

Os seus olhos encontraram-se. Tinham-se compreendido, mas nada na sua atitude o deixava perceber.

— Compreendo bem. Mas, depois do que conheço do caso Crosbie, presumo que a apresentação desta carta não pode deixar de ser muito prejudicial à nossa cliente.

— Tive sempre uma alta opinião do seu sentido jurídico, Chi Seng.

— Assim, lembrei-me de que se conseguisse persuadir o meu amigo a decidir a chinesa a entregar-nos a carta isso poderia evitar aborrecimentos.

Joyce parecia mergulhado na sua papelada.

— Suponho que o seu amigo é um homem de negócios. ¿Por que preço imagina que êle consentiria em desistir dessa carta?

— Não está nas suas mãos. É a chinesa quem a tem. Além de que, ela não suspeitava do seu valor antes do meu amigo, que é seu parente, lho ter revelado.

— ¿Qual o valor que êle lhe atribui?

— Dez mil dólares.

— Santo Deus! ¿Onde diabo quere que a sr.^a Crosbie encontre dez mil dólares? Digo-lhe que esta carta é falsa.

Enquanto falava, vigiava com o canto do olho Ong Chi Seng; mas aquela indignação deixou impassível o

estagiário — que continuava de pé, ao lado da mesa, pálido, frio, escrutador.

— O sr. Crosbie possui a oitava parte da plantação de Bétong e um sexto daquela outra da ribeira de Selantam. Tenho um amigo que lhe emprestará de boa vontade o dinheiro sob a garantia dessas propriedades.

— Tem grandes relações, Chi Seng.

— Seguramente.

— Muito bem! Pode dizer-lhe que vá para o diabo. Nunca aconselharei o sr. Crosbie a dar mais um vintém além de cinco mil dólares por uma carta que, aliás, pode explicar-se facilmente.

— A chinesa não aceitará. O meu amigo levou muito tempo a convencê-la, e é completamente inútil fazer-lhe uma oferta inferior à soma que lhe indiquei.

Joyce olhou longamente Ong Chi Seng. O estagiário suportou sem embaraço aquêl exam. Com os olhos baixos, guardou a sua atitude deferente. Joyce conhecia o seu homem. Neste negócio, quanto iria tocar àquela raposa de Chi Seng?

— Dez mil dólares é muito.

— O sr. Crosbie preferirá pagá-los a ver a sua mulher enforcada.

Joyce reflectiu de novo. ¿ Chi Seng saberia mais do que aquilo que lhe dizia? Devia estar bem seguro da sua força para se mostrar tão intratável. Aquela soma devia ter sido fixada por alguém igualmente ao corrente do negócio e da fortuna de Crosbie.

— ¿ Onde está neste momento a chinesa?

— À espera, em casa do meu amigo.

— Virá aqui?

— Creio que seria preferível ir pessoalmente ter com ela. Posso levá-lo de noite a sua casa, e ela entregar-lhe-á a carta. É uma mulher simples. Não sabe o que é um cheque.

— Nunca pensei entregar-lhe um cheque. Levarei notas do Banco.

— Mas seria perder um tempo precioso levar menos de dez mil dólares.

— Compreendi bem.

— Logo, depois de jantar, irei ver o meu amigo.

— Muito bem. Venha buscar-me esta noite à porta do clube, às dez horas.

— Às suas ordens.

Com um cumprimento correcto, saiu da sala.

*

* *

Joyce dirigiu-se ao clube para jantar. Como esperava, apercebeu Crosbie rodeado de muita gente. Ao passar, Joyce tocou-lhe num ombro.

— Preciso de lhe dizer duas palavras.

— Estou ao seu dispor.

O plano de Joyce estava feito. Jogou o «bridge» para ganhar tempo. Bem depressa os salões do clube se esvaziariam. Para uma conversa tão delicada o seu escritório, na verdade, não convinha. Crosbie apareceu daí a pouco na sala de jôgo e esperou o final da partida. Os outros jogadores foram saindo e os dois amigos ficaram sós.

— Surge-nos um caso muito desagradável, meu velho — começou Joyce, num tom que éle se esforçava por tornar natural.

Parece que a sua mulher tinha escrito a Hammond pedindo-lhe para ir a sua casa na noite em que foi morto.

— Mas é impossível! Ela disse sempre que não mais tivera relações com éle. Sei que ela não o via há dois meses.

— O facto exacto é que a carta existe. Está nas mãos dessa chinesa que vivia com Hammond. Sua mulher tinha a intenção de lhe oferecer um presente por ocasião do seu aniversário, e contava pedir a Hammond que a ajudasse a escolhê-lo. Na sua comoção após a tragédia ela esqueceu por completo êsse detalhe e, como começara por negar que houvesse tido qualquer relação com Hammond, não ousou retratar-se. É seguramente muito penoso, mas, em suma, assás compreensível.

Crosbie não dizia palavra. A sua boa aparência testemunhava um espanto tão completo que Joyce ficou exasperado. Em geral, a sua paciência com os imbecis era curta, mas a angústia de Crosbie, depois da catástrofe, tinha-o comovido; e a sr.^a Crosbie tocara justo: «faça isso não por mim, mas pelo meu marido».

— Será preciso dizer-lho? Se esta carta cai nas mãos do ministério público isso será muito grave. A sua mulher mentiu, e pedir-me-ão que explique a sua mentira. Compreende que é tôda uma outra história se Hammond não foi em sua casa um hóspede imprevisto e indiscreto e se, bem pelo contrário, um convidado. Êste facto não deixará de despertar no espírito dos jurados perigosas suspeitas.

Joyce hesitou. Era o momento decisivo.

Crosbie estava longe de suspeitar do sacrifício que ia impor-lhe o íntegro advogado de sua mulher. Noutra circunstância, tanta ingenuidade prestava-se ao riso.

— O meu caro Roberto não é somente meu cliente mas também meu amigo. É preciso apanhar essa carta, e isso custará caro.

— Quanto?

— Dez mil dolares.

— Diabo! É muito. Com as despesas e encargos tudo aquilo que tenho vai desaparecer.

— ¿Pode arranjar rápidamente essa quantia?

— Suponho que sim. O velho Charles Mendon adiantar-ma-á sôbre as minhas acções do estanho e as duas plantações em que tenho interêsses.

— Então, está combinado?

— Isso é absolutamente necessário?

— Sim; se quere que a sua mulher seja absolvida.

— Mas... (êle não encontrava as palavras, e agora o seu rosto tornava-se arroxeadado) Mas eu não compreendo. Ela explicar-se-á. ¿Não quere dizer que êles a declararão culpada? ¿Êles não poderão enforcá-la por ter exterminado uma fera perigosa?

— Não julgo que a enforquem.

— Sim, duvido que não a julgarão culpada senão de homicídio involuntário. Apanhará provàvelmente dois ou três anos.

Crosbie sobressaltou-se. O horror alterava-lhe os traços.

— Três anos!

Parecia que qualquer coisa acordava agora a sua

inteligência, passando na obscuridade do seu cérebro como um relâmpago. Joyce notou que as grandes mãos de Crosbie, endurecidas pelo trabalho, tremiam.

— ¿ Que presente queria ela fazer-me ?

— Disse-me que queria oferecer-lhe uma espingarda.

Uma vez mais o sangue injectou o rosto do lastimoso marido.

— ¿ Para quando é preciso êsse dinheiro ?

A sua voz tinha agora um timbre estranho. Dir-se-ia que mãos invisíveis lhe apertavam a garganta.

— Esta noite, às dez horas. Podia levar-mo às seis, ao meu escritório.

— ¿ A mulher vai a sua casa ?

— Não. Irei eu a casa dela.

— Serei eu quem lhe entregará o dinheiro. Acompanho-o.

Joyce lançou-lhe uma olhadela.

— ¿ Julga que isso seja necessário ? Deixe que eu trate do assunto.

— Mas é o meu dinheiro ! Tenho de ir lá.

Joyce encolheu os ombros. Levantaram-se e apertaram a mão. Joyce observava com curiosidade o amigo.

*

* *

Às dez horas encontraram-se no clube.

— ¿ Está tudo em ordem ? — perguntou Joyce.

— Sim, tenho o dinheiro comigo.

— Então, a caminho.

Desceram. O carro de Joyce esperava-os na praça silenciosa; e quando chegaram junto d'ele Ong Chi Seng surgiu da sombra dum portal. Sentou-se ao lado do «chauffeur» para lhe indicar o caminho. Ladearam o Hotel Europa e tornejaram em frente à Casa do Marinheiro para atingir a rua Vitoria. Ali, os estabelecimentos chineses estavam ainda abertos; passeava gente, e o movimento dos «rickshaws» e dos automóveis dava animação à rua. De repente, o carro parou e Chin Seng voltou-se:

— Creio que agora seria melhor continuarmos a pé.

Apearam-se e elle tomou a dianteira. Joyce e Crosbie seguiam-no a dois ou três passos. Por fim, pediu-lhes que parassem:

— Esperem aqui, senhores. Vou prevenir o meu amigo.

Entrou num estabelecimento. Três ou quatro chineses encontravam-se atrás do balcão. Era um d'esses bizarros estabelecimentos sem montras que a gente não sabe ao certo o que poderão vender. Viram Chi Seng dirigir-se a um homem gôrdo, de fato branco e com comprida corrente de ouro no colete. O desconhecido lançou um rápido olhar à rua e estendeu uma chave a Chi Seng. Êste fez um sinal aos seus dois companheiros e entrou num portal ao lado da loja. Seguiram-no e encontraram-se junto duma escada.

— Perdão, meus senhores! Vou alumiá-los — disse Chi Seng, sempre homem de recursos. Subam agora.

Êle precedia-os, segurando na mão um fósforo japonês, que mal dissipava a obscuridade; Joyce e Crosbie

subiram os degraus atrás dêle. No primeiro andar êle abriu uma porta fechada à chave e acendeu um bico de gás.

— Peço-lhes que entrem.

Era um pequeno quarto quadrado, com uma única janela. Duas camas chinesas desapareciam sob esteiras. Num dos ângulos um cofre com uma fechadura complicada, e, em cima da sua tampa, uma sórdida bandeja com um cachimbo de ópio e uma lamparina. O cheiro acre da droga pairava na sala.

Sentaram-se. Ong Chi Seng ofereceu-lhes cigarros. No mesmo instante a porta abriu-se diante do chinês gôrdo que êles tinham visto atrás do balcão. Num inglês correcto, desejou-lhes boa noite e sentou-se ao lado do seu compatriota.

— A mulher vem já — disse Chi Seng.

Um «boy» do estabelecimento trouxe chá. Crosbie recusou. Os chineses cochichavam entre si, mas Crosbie e Joyce mantinham-se silenciosos. Ouviu-se, enfim, uma voz. Alguém chamava, em surdina. O chinês gordo foi abrir, e, após um breve diálogo, introduziu uma mulher. Depois da morte de Hammond, Joyce ouvira falar muito dela sem a conhecer. Era uma pessoa forte, não muito jovem, com as maçãs do rosto salientes. O rosto estava polvilhado e pintado. Uma linha negra avivava as sobrancelhas. Adivinhava-se sob aquela máscara impassível uma vontade e um carácter. Uma camisa branca e um casaco azul-pálido compunham-lhe um traje meio europeu meio chinês. Os pés, pequeninos, arrastavam chinelas chinesas de sêda. Pesadas cadeias de ouro pendiam do pescoço; pulseiras de ouro

ornavam-lhe os pulsos. Nas orelhas, argolas também de ouro; e na cabeleira de ébano alfinetes de ouro cinzelado. Ela entrou a passos lentos, o ar de quem estava segura de si própria, e sentou-se na cama, ao lado de Ong Chi Seng. Êste murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ela inclinou-se e lançou um olhar desinteressado sôbre os dois brancos.

— Ela tem a carta? — perguntou Joyce.

Crosbie não disse nada. Puxou por um maço de notas de quinhentos dólares, contou vinte e estendeu-as a Chi Seng.

— Quere verificar?

O estagiário contou-as e passou-as ao amigo.

— Ê a conta exacta, senhor.

O chinês gordo contou-as por sua vez e guardou-as no bolso. Falou novamente à mulher. Esta procurou no seio uma carta. Chi Seng examinou-a.

— Ê bem o documento, senhor.

E ia entregá-lo a Joyce mas Crosbie arrancou-lho das mãos.

— Quero vê-lo — gritou êle.

Joyce procurou tirar-lho.

— Dê-me isso.

Crosbie dobrou cuidadosamente a carta e meteu-a no bolso.

— Não; guardo-a. Custou-me bastante cara.

Joyce não insistiu. Os três chineses notaram o incidente, mas ficaram impassíveis. Nada traía o seu pensamento. Joyce levantou-se.

— ¿ Ainda precisa de mim esta noite, senhor? — perguntou Ong Chi Seng.

— Não.

Sabia que o estagiário tinha vontade de ficar para receber a sua comissão. Voltou-se para Crosbie:

— Vem?

Sem responder, Crosbie levantou-se. O chinês dirigiu-se para a porta, abrindo-a diante deles. Chi Seng acendeu um tóco de vela. Os dois chineses acompanharam-nos até fora. A mulher ficou sentada na cama a fumar. Os chineses deixaram-nos no limiar da porta e tornaram a subir.

— ¿Que vai fazer dessa carta?— perguntou Joyce.

— Guardá-la.

Chegaram junto do carro. Joyce ofereceu ao amigo conduzi-lo. Crosbie fez um sinal de recusa.

— Obrigado, prefiro caminhar.

Teve uma hesitação. Como se separavam, êle acrescentou:

— Fui a Singapura no dia da morte de Hammond precisamente para comprar uma espingarda que um dos meus camaradas estava disposto a vender. Boa noite.

E desapareceu na sombra.

*

* *

Joyce estava seguro do sucesso. Os jurados chegaram ao tribunal decididos a absolver a sr.^a Crosbie. A atitude dela falava a seu favor. Ela contou a sua história com simplicidade e franqueza. O delegado do ministério público, bem disposto, cumpria contrariado

a sua tarefa. Fazia as perguntas indispensáveis com o ar de quem pedia desculpa. A sua acusação teria podido ser uma defesa, e os jurados não gastaram cinco minutos para dar o «veredictum» que cada um esperava. Foi impossível impedir a multidão que enchia o pretório de romper em aplausos. O juiz felicitou a sr.^a Crosbie.

Ela estava livre.

*

* *

Ninguém se mostrara mais irritado contra Hammond do que a sr.^a Joyce. Era uma boa amiga. Certa, como toda a gente, do desenlace do processo, tinha tratado de acolher os Crosbie em casa após a sentença e até ao momento em que os seus negócios lhes permitisse abandonar a terra. ¿Podiam deixar aquela heróica Leslie voltar ao «bungalow» onde se tinha passado a horrível coisa? A sentença fôra proferida à meia hora da tarde. Quando êles chegaram a casa dos Joyce esperava-os um magnífico almôço. Os «cocktails» estavam preparados. Toda a Malásia conhecia os famosos «million dollar cocktails» da sr.^a Joyce. Bebeu-se à saúde de Leslie. Sempre faladora e animada naquele dia, a sr.^a Joyce superava-se. Aquilo caía bem, pois os outros convidados mantinham-se silenciosos. A sr.^a Joyce não se admirou: o marido não era muito loquaz e os Crosbie sofriam a contra-partida da sua longa prova. Durante o almôço ela continuou um brilhante e espiritual monólogo. Por fim, serviram o café.

— Vamos, meus filhos! — propôs ela com alegria — Aconselho-os a que vão descansar; depois do chá levo-os no automóvel a dar uma volta pela praia.

Joyce, que excepcionalmente almoçara em casa, devia voltar ao escritório.

— Lamento muito, minha senhora — disse Crosbie. — Sou obrigado a regressar já à plantação.

— Hoje?

— Sim, neste instante. Abandonei-a muito tempo, e negócios urgentes reclamam-me. Mas ser-lhe-ei muito reconhecido se deixar ficar consigo Leslie até que tomemos uma decisão.

A sr.^a Joyce ia insistir. O marido impediu-a:

— Se êle tem necessidade de ir não insistas.

Qualquer coisa no tom do advogado chamou a atenção da espôsa. Ela calou-se, e houve um silêncio. Por fim, Crosbie continuou:

— Se me permitem, vou por-me a caminho para chegar antes da noite.

Êle levantou-se da mesa.

— Vens despedir-te de mim, Leslie?

— Com certeza!

Sairam juntos.

— Não o compreendo — disse a sr.^a Joyce. — Como não percebeu que Leslie teria vontade de estar hoje com êle?

— Estou certo de que êle não partiria se isso não fôsse absolutamente necessário.

— Enfim, vou ver se o quarto de Leslie está arranjado. Ela tem necessidade de completo repouso e também de distracção.

A sr.^a Joyce saiu e o advogado tornou a sentar-se. Daí a pouco ouviu Crosbie pôr a trabalhar o motor da motocicleta e afastar-se sôbre o empedrado da avenida. Levantou-se e passou para o salão. A sr.^a Crosbie estava de pé no meio da sala, o olhar vago e com uma carta na mão. Fitou-o e êle reparou que estava pálida.

— Êle sabe — balbuciou ela.

Joyce aproximou-se e pegou na carta. Acendeu um fósforo e lançou fogo ao papel. Ela viu-o arder. Quando Joyce não pôde segurá-lo mais atirou-o para o lajedo, e os seus olhares imobilizaram-se sôbre a fôlha enegrecida e ondulada. Por fim, com o pé, reduziu-a a cinza.

— ; O que é que êle sabe?

Ela fitou-o, fitou-o demoradamente, e nos seus olhos passou uma expressão estranha. Desprêzo ou desespero? Joyce não o pôde discernir.

— Êle sabe que Geoffroy era meu amante.

Joyce não fêz um gesto, não pronunciou uma palavra.

— ... Meu amante há anos. Isso começara quási logo após o seu regresso da guerra. Era preciso ter enorme cuidado. Desde que me tornei sua amante fingi tomá-lo de ponta. Viam-no raramente em nossa casa. Encontravamo-nos então duas ou três vezes por semana; e quando Roberto ia a Singapura, Geoffroy vinha ao «bungalow», à noite, logo que os «boys» partiam. Viamos sempre, e ninguém desconfiava. Mas há um ano êle começou a mudar. Eu não compreendia nada. Não acreditava que êle não me quisesse mais. Êle protestava sempre o contrário. Eu enlouquecia. Fazia-lhe cenas.

Tinha por vezes a impressão de que me odiava. Oh! se soubesse o que eu passei! Era um inferno. Sentia que êle estava farto de mim e não me decidia a deixá-lo. Que miséria! Que miséria! Amava-o. Tinha-lhe sacrificado tudo. Êle era tôda a minha vida... Um dia soube que vivia com uma chinesa. Não queria acreditar. Foi preciso que eu a visse, aquela grande vaca chinesa, que a visse com os meus olhos, passear na cidade com as suas pulseiras de ouro e os seus colares. Mais velha do que eu! Que abjecção! Tôda a cidade sabia que ela era a sua amante. E quando eu passava a seu lado encarou-me provocadoramente. Sabia que eu também era amante de Geoffroy. Mandeí procurar Geoffroy, disse que lhe queria falar. O senhor leu a minha carta. Era loucura escrever-lhe. Não sabia o que fazia, tudo me era indiferente. Não o via há dez dias. Uma eternidade! E dizer que na última vez, ao separarmo-nos, êle me apertara de encontro ao coração e pedira que não me afligisse! E foi dos meus braços para os braços da outra.

Ela falava em voz baixa, sacudida. De repente calou-se e torceu as mãos.

— Esta maldita carta! Fomos sempre tão prudentes! Êle rasgava as minhas menores palavras logo que as lia. ¿ Como poderia suspeitar que guardara esta? Êle veio e disse-lhe que estava ao facto da história da chinesa. Negou. Alegou que eram ditos. Estava fora de mim. Não me lembro do que lhe respondi. Oh! naquele momento detestava-o. Procurei aquilo que o pudesse ferir. Insultei-o. De boa vontade lhe teria escarrado na cara. Ripostou, por fim. Disse que estava farto de mim, que o seu único desejo era não tornar a ver-me, que o

aborrecia. Confessou tudo quanto à chinesa. Conhecia-a há anos, já antes da guerra, e era a única mulher que contava verdadeiramente para elle. Tôdas as outras eram simples passatempo! Disse que estava contente por eu ter sabido a verdade, pois ia enfim deixá-lo em paz. Não sei o que senti; perdi a cabeça, vi tudo vermelho. Puxei do revólver e fiz fogo. Pelo grito que soltou compreendi que o atingira. Cambaleou e fugiu para a varanda. Corri atrás dêle e disparei ainda. Caíu, e disparei tiro após tiro até que o revólver fizesse tique-tique, e eu estivesse segura de que não restavam mais balas!

Por falta de fôlego, ela parou finalmente. O seu rosto não tinha nada de humano. A crueldade, a cólera, a dor decompunham-no. Nunca se teria podido crer aquella mulher, delicada e fina, capaz de tanta maldade. Joyce recuou, espantado. Não tinha diante dêle mais do que uma máscara hedionda.

— Venha, querida Leslie, chamou de súbito a voz cordial da boa sr.^a Joyce. O seu quarto espera-a. Deve estar a cair de sono.

Pouco a pouco, os traços da sr.^a Crosbie normalizaram-se. A paixão que lhe crispava o rosto desvaneceu-se — como se tivessem alizado um papel amarrotado. Num momento, a sua expressão tornou-se calma e cândida. Estava ainda pálida, mas nos lábios renascia um doce sorriso. A mulher bem educada e distinta tornava a aparecer.

— Já vou, querida. Estou aflita por lhe dar tanto trabalho.

FIM

A SEGUIR

os N.ºs 9 e 10 dos «**Cadernos Azuis**»

ANTERO DE QUENTAL

APOGEU E MORTE

POR

António Ramos de Almeida



Nestes dois volumes fica concluído o trabalho, que o autor se propôs fazer, sobre a personalidade, obra, vida e acção de Antero, que se segue a «**Antero de Quental, Infância e Juventude**», publicado nos números 5 e 6 desta colecção.

CADERNOS AZUIS

COLEÇÃO DE CULTURA VIVA

•

«OS CADERNOS AZUIS», pela acessibilidade do seu preço e linguagem simples e clara como os problemas serão expostos, constituem um sério esforço de cultura popular. Nos seus volumes, cuidadosamente seleccionados, serão abordados todos os assuntos de interêsse geral, compreendendo:

I—CONTOS E NOVELAS

Obras inéditas, ou pouco conhecidas no nosso meio, de prosadores nacionais e estrangeiros que, pelas suas qualidades literárias, riqueza psicológica e projecção humana, merecem ser divulgadas.

II—OS HOMENS E AS IDÉIAS

Estudos sôbre as principais correntes políticas, sociais, económicas e filosóficas, assim como ensaios biográficos das grandes figuras da humanidade.

III — LITERATURA E ARTE

Pequenos ensaios sôbre tôdas as manifestações de carácter artístico e literário. Escolas e tendências. Principais figuras.

IV — A EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE

O homem através dos séculos na sua luta constante pelo progresso e bem estar da humanidade. As grandes descobertas e conquistas da História.

V — PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS

Nesta secção, os vários problemas do nosso tempo serão divulgados por especialistas numa linguagem clara e acessível a tôda a gente. Serão tratados problemas de CIÊNCIA, TÉCNICA, PEDAGOGIA, ECONOMIA, DESPORTO, etc.

DICIONÁRIO UNIVERSAL DE LITERATURA

DE

Henrique Perdigão

(BIO-BIBLIOGRÁFICO E CRONOLÓGICO)

2.^a EDIÇÃO ILUSTRADA

A maior concatenação até hoje feita das grandes figuras que enriqueceram em todos os tempos e em tôdas as modalidades a literatura universal e o primeiro e, até hoje, único trabalho do género em língua portuguesa, com o qual, no dizer do notável crítico inglês (Sir Stephen Gaselee) «o autor prestou um real serviço às letras universais».

PREÇO DOS POUCOS EXEMPLARES QUE RESTAM DA 2.^a EDIÇÃO:

Em capa 1 (inteira percalina)	160\$00
» » 2 (percalina e lombada de pele)	180\$00
» » 3 (inteira pele)	220\$00

A LIVRARIA LATINA acaba de dar a conhecer, em língua portuguesa, o célebre escritor romeno Panaït Istrati, através de um dos seus mais famosos romances

KYRA KYRALINA

cujo entrecho, de rara intensidade dramática, subjuga e prende o leitor desde a primeira à última página.

O ambiente heterogéneo, em que decorre a acção, dá-nos o sabor estranho e multiforme do Médio-Oriente, em que as figuras, pelo seu ineditismo social e moral, contrastam com as que nos são familiares, embora informadas do mesmo fundo religioso.

KYRA KYRALINA é um romance de acção intensa, que ninguém lê sem emoção e curiosidade crescentes.

Leia *KYRA KYRALINA*, que não se arrependerá; ao contrário, lê-lo-á outra vez.

O MEU ROMANCE

e

JOÃO FANÉ, BANQUISTA

são duas obras que, no género romance, foram premiadas com Esc. 5.000\$00 cada, no Concurso Literário que a LIVRARIA LATINA promoveu.

Ambas lograram obter aquêles prémios pelo seu valor incontestável.

O primeiro salienta-se pela efabulação e delicadeza sentimental em que decorre tôda a sua acção construtiva.

O segundo, todo impregnado da vida aventureira da nossa raça marítima, brilha pelo seu estilo surpreendente, cheio de pinceladas fortes, que nos dão quadros maravilhosos da faina da pesca nos bancos da Terra Nova.

ÊSTE VOLUME FOI COMPOSTO NA
SOCIEDADE DE PAPELARIA, L.DA,
RUA DA BOAVISTA, 321 — PORTO,
PARA A LIVRARIA LATINA EDITORA.
ACABOU DE IMPRIMIR-SE
AOS 12 DE AGOSTO DE 1943
E É O NÚMERO 8 DOS
CADERNOS AZUIS

EDIÇÕES DA LIVRARIA LATINA EDITORA

Escolas Filosóficas , de Henrique Perdigão	{ Br.	30\$00
	{ Enc.	45\$00
Álgebra , do Eng.º Pires de Carvalho		12\$50
Trigonometria , do mesmo autor		8\$00
Cadernos de Geografia , dos Prof. Dario Mota e Carlos Varão		4\$50
Cadernos de História , dos mesmos autores.		3\$50
Crítica. I , de João Gaspar Simões		20\$00
O Penitente , (Camilo Castelo Branco), de Teixeira de Pascoaes		15\$00
Tiragem especial, num. e rubricada pelo autor		40\$00
O Meu Romance , de Carlos Sombrio		12\$50
João Fané, banquista (romance marítimo), de Raimundo Esteves		12\$50
Estes dois romances foram premiados no Concurso Literário da LATINA, com cinco contos cada um.		
Os Contos de António Botto		25\$00
2.º volume das Obras Completas do autor, em que está incluído o «Livro das Crianças», aprovado oficialmente nas Escolas da Irlanda e pe'lo Eminentíssimo Cardinal Patriarca de Lisboa.		
Coração — o Ditador , de Emília de Sousa Costa		10\$00
Colecção PINÓQUIO — da Biblioteca Infantil LATINA, dirigida e compilada por Henrique Marques Júnior		
Aventuras Maravilhosas dum Príncipe		5\$00
História do João Gigante		5\$00
Novas Histórias Maravilhosas		5\$00
Fábulas (Colecção) de Laura Chaves, com ilustrações de Vasco Lopes de Mendonça. 1.º vol.		10\$00
Cadernos Azuis (Colecção de vulgarização cultural).		4\$00
Biblioteca de pequenas obras completas sôbre os variados problemas culturais. Contos e Novelas.		
Ressaca (versos) — de Aurora Jardim		15\$00
Camilo Místico , de José Gonçalves de Andrade—no prelo		

COLECCÃO AUTORES NOTÁVEIS:

Kyra Kyralina , do escritor romeno Panaït Istrati. Romance. Tradução do dr. Alexandre Babo		12\$50
O Idiota , de Dostoiewsky. Tradução dos drs. Carlos Babo e Alexandre Babo — 2 vols., cada		17\$50
O Drama de Marísia , de Henrique Sienkiewicz		12\$50

Dicionário Universal de Literatura, de Henrique Perdigão

Enc. em capa 1 (inteira percalina)		160\$00
» » » 2 (percalina e lombada de pele)		180\$00
» » » 3 (inteira pele)		220\$00